

# **IGUAIS E DIFERENTES: ESTUDO DAS RELAÇÕES INTERÉTNICAS EM GRUPOS POPULARES NA CIDADE DE PORTO ALEGRE DA VIRADA DO SÉCULO XIX (1890-1909)**

**Carlos Eduardo Millen Grosso**

Mestre em História pelo PPGH-PUC/RS. Professor da rede municipal de educação – Prefeitura Municipal de Florianópolis / SC.

E-mail: [machadosartre@yahoo.com.br](mailto:machadosartre@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Este é um estudo sobre as relações interétnicas nos grupos de populares na cidade de Porto Alegre, entre 1890 e 1909. A partir da análise dos processos criminais, a pesquisa busca explorar a relação discriminatória entre criminalidade e população estrangeira, bem como a persistência do componente étnico da identidade social entre nacionais e imigrantes nos momentos de contato intergrupar. Isso significa tratar as relações interétnicas como um fenômeno social em permanente tensão entre sujeitos e grupos sociais. As considerações apontam para a necessidade de incorporar as diferentes perspectivas dos réus, ofendidos e testemunhas, que viviam e percebiam a realidade de diferentes coordenadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grupos étnicos. Processo criminal. Criminalidade.

**ABSTRACT:** This study is about the inter-ethnic relations among working-class groups in the city of Porto Alegre, from 1890 to 1909. From the analyses of criminal lawsuits, this research aims at exploring the discriminatory relations regarding criminality and the foreign population, as well as the persistence of the ethnic component of the social identity among Brazilians and immigrants in the moments of intergroup contact. That means to treat the inter-ethnic like a social phenomenon in permanent tension between the subjects and social groups. Considerations point out the necessity to incorporate several perspectives from the defendants, victims and witnesses that used to live and understand the reality from different points of view.

**KEYWORDS:** Ethinc groups. Criminal lawsuits. Criminality.

## **INTRODUÇÃO**

Os estudos das relações interétnicas nas camadas menos privilegiadas economicamente entre os anos finais do Império e as primeiras décadas da República mereceram pouca atenção dos historiadores. Ainda que exista uma farta produção historiográfica voltada para assuntos relacionados aos grupos de populares<sup>1</sup>, é pequeno o

---

<sup>1</sup> CHALHOUB, 1986; PESAVENTO, 2001; FAUSTO, 2001; MAUCH, 2004; MOREIRA, 1993; PINTO, 1994; SIMÕES, 1999.

número de trabalhos que tratam de forma mais específica a questão interétnica, sobretudo no que tange ao período estudado, e em especial, sobre o Rio Grande do Sul<sup>2</sup>.

A partir da análise conjunta de 120 processos criminais circunscrito na cidade de Porto Alegre, entre 1890 e 1909, encontrei um número expressivo de estrangeiros entre réus e ofendidos, sinalizando para uma diversidade de tipos étnicos na composição das camadas populares. Mais do que isso, parece existir uma persistência do componente étnico da identidade social, entre os imigrantes nos momentos de contato intergrupar.

Nessa perspectiva, os contatos interétnicos, verificados por mim nos processos criminais, não são vistos como ocasionais, fortuitos ou habituais, que assinalam a carreira moral dos criminosos ou expedientes apenas de uma necessidade econômica, contudo examinado na sua singularidade, como momento privilegiado de delimitação etnia. É em grande medida nessas relações sociais que valores tornam-se eficazes e reputações étnicas legitimadas.

Compreendo melhor, nessas condições, a necessidade de identificar quem eram os imigrantes que freqüentavam a justiça (idade, nacionalidade, instrução, profissão, estado civil), observando os réus e os ofendidos. Essa análise tem, inegavelmente, uma preocupação quantitativa com vistas a traçar o perfil do imigrante médio.

Seria falso, entretanto, pensar num estudo sobre a etnicidade eximindo-me de uma análise mais detida nos pormenores disponibilizados pela documentação. Por mais fragmentário que possa parecer, a pesquisa qualitativa tem muita importância, é justamente pelo fato de criar vida (sujeitos sociais) onde não há nada (ou melhor, números), de extrair emoções importantes de onde só há repetição (ou gráficos), que se quer obter maior densidade ao texto.

### **1.1 A QUESTÃO INTERÉTNICA VISTA DE CIMA: UMA ANÁLISE QUANTITATIVA**

O número de estrangeiros (22%) que freqüentaram o sistema penal na condição de réus e de ofendidos não pode ser ignorado, sobretudo se atentar para a proximidade numérica com os nacionais (27,8%), num período de forte imigração no país. Entretanto, o número

---

<sup>2</sup> Um dos poucos trabalhos que tratam sobre estas relações interétnicas no período estudado no Rio Grande do Sul é CARVALHO, 2005 e CONSTANTINO, 1996. Outro trabalho que merece destaque, embora não seja para a realidade do Rio Grande do Sul, é o excelente artigo do MONSMA; TRUZZI; CONCEIÇÃO, 2003 que, por sinal, invoca com grande originalidade os aspectos culturais nas relações interétnicas.

percentual de estrangeiros ganhou novos valores quando elaboradas tabulações que continham, por vezes, réus e ofendidos. Com isso, foi possível observar de forma mais microscópica estes indivíduos, verificando um aumento de estrangeiros (31,5%) e de nacionais (42,5%) na condição de réu. Entre os ofendidos estrangeiros, o número percentual cai para índices baixíssimos (11,4%), que, curiosamente, é acompanhado pelo percentual de brasileiros (11,4%). Sem dúvida, o que mais dificulta a análise dos ofendidos estrangeiros é o alto índice de indivíduos sem nacionalidade declarada.

A meu ver, essas diferenças numéricas tornam-se significativas se pensarmos que normalmente estes estrangeiros (em geral imigrantes europeus) tendiam a serem vistos e representados como ordeiros e trabalhadores pelo governo e pelas elites.<sup>3</sup> Muitos vieram do continente europeu para ocupar e colonizar regiões hostis no sul do Brasil.

A importância demográfica das migrações internacionais para o Brasil, principalmente no último decênio, é significativa. O percentual de 29,10% de crescimento, devido à migração entre os anos de 1890 e 1900, revela uma participação do saldo migratório em relação ao incremento global importante entre 1872 e 1940 (GONÇALVES, 1974, p. 29-33). Tais considerações provavelmente encontrem correspondência na cidade de Porto Alegre. Conforme os números de ingresso de estrangeiros no Estado nos anos de 1892 e 1893 (1º semestre), a cidade de Porto Alegre recebeu 793 imigrantes que representam, em termos percentuais, 7,3% sobre o total de migrações.

As informações mostram que o destino dos imigrantes para Porto Alegre é muito pequeno, sobretudo se compararmos, por exemplo, com os municípios de Alfredo Chaves e Caxias, que correspondem respectivamente 25,25% e 16,62%.<sup>4</sup> Entretanto, no ano de 1894 migraram para o estado 855 estrangeiros, dos quais 582 tomaram como destino a Hospedaria do Cristal em Porto Alegre.<sup>5</sup> Enfim, o percentual demográfico migratório internacional para Porto Alegre, provavelmente, oscile ano a ano e, por isso, inviabilize qualquer consideração mais conclusiva a respeito do número preciso de estrangeiros no município.

A dificuldade de precisar o número exato dos imigrantes em solo gaúcho, entre os anos de 1875 a 1914, deve-se em parte pela escassez e imprecisão das fontes oficiais. O

---

<sup>3</sup> A afirmativa de que os estrangeiros eram vistos como ordeiros e trabalhadores merece alguns cuidados. Pois a forte presença de estrangeiros dentro do movimento operário era suficiente para que a polícia e setores da população não pensassem dessa forma. Para uma discussão mais detalhada sobre a importância dos imigrantes na organização do movimento operário ver MARAN, 1979; BATALHA, 2000; PETERSEN, 1992.

<sup>4</sup> ANNUÁRIO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL PARA O ANNO DE 1894. Publicados sob a orientação de Graciano de Azambuja (décimo ano). Porto Alegre: Editores Gundlach e Cia., Livreiros, 1893. Fundação de Economia e Estatística (FEE).

<sup>5</sup> RIO GRANDE DO SUL. Relatório apresentado pela Directoria de Estatística em 31 de julho de 1895. Porto Alegre: Oficinas Typograficas d'A Federação, 1896, p. 151-159. Fundação de Economia e Estatística (FEE).

relatório da diretoria de estatística de 1899 expõe com clareza a desorganização entre as repartições encarregadas de fazerem o controle estatístico de diversos quesitos<sup>6</sup>:

Nos quadros ora submettidos á vossa apreciação achareis minuciosos dados demonstrativos do movimento do registro civil do Estado em 1899. (...) A importancia d'esse serviço resalta ao primeiro golpe de vista e dahi o especial cuidado que sempre tem merecido. Esse cuidado há sido, entretanto, inulificado em grande parte pela carencia de meios que chamem ao cumprimento do dever certos officiaes do registro que, indifferentes aos continuos reclamos que lhes têm sido feitos, cooperam efficazmente para a conservação das irregularidades e lacunas que ainda se notam. (...) Officiaes de registro que desde 1896 não attendiam às solicitações feitas, têm enviado, em consequencia d'aquella resolução, os respectivos extratos. Outros, que não mantinham a precisa regularidade na remessa dos mesmos, hão se mostrado solícitos, manifestando prazer em satisfazer os pedidos que lhes são dirigidos.

De qualquer forma, dos 60 imigrantes (réus e ofendidos) apurados nos processos criminais, consegui captar seus países de origem e os dividi por continentes, ou áreas de procedência: Ásia (14,7%), Europa (77%), América do Sul (8,2%).

Noto que a maioria dos estrangeiros eram oriundos do continente europeu, se sobrepondo esmagadoramente (77%) sobre os outros continentes. Dos que procedem da América do Sul, há 1 argentino e 4 paraguaios. Devida à diversidade, optei por especificar os países de origem dos réus e dos ofendidos: alemão (6,5%), árabe (6,5%), argentino (1,6%), austríaco (1,6%), espanhol (14,7%), francês (1,6%), holandês (1,6%), inglês (1,6%), italiano (37,7%), paraguaio (6,5%), polonês (1,6%), português (9,8%), russo (4,9%), sírio (3,3%).

Com relação ao estado civil dos réus, verifico que o número de solteiros (37,8%) é levemente superior ao número de casados (33,3%). Observando, por outro lado, o estado civil dos ofendidos, verifico a predominância de imigrantes casados (46,7%). Sem dúvida, o que impressiona é a baixa porcentagem de solteiros (13,3%).

Quanto ao grau de instrução, os réus são na sua grande maioria alfabetizados (44,4%). Enquanto que os ofendidos o número percentual diminuí bastante (13,3%).

Com relação à idade destes imigrantes, consta em meu banco de dados a variação etária entre 16 a 77 anos. Dividindo-os por faixas etárias, de 10 em 10 anos, tem-se a numeração completa dos réus: 10 a 20 anos (6,7%), 21 a 30 anos (31,1%), 31 a 40 anos (17,8%), 41 a 50 anos (15,5%), 51 a 60 anos (4,4%) e 61 a 70 anos (2,2%).

---

<sup>6</sup> RIO GRANDE DO SUL. Relatório da Directoria de Estatística 1899. Fundação de Economia e Estatística (FEE).

Verifico que há uma predominância entre as faixas etárias que vão de 21 a 30 anos (31,1%), seguida de longe pela que reúne os imigrantes entre 31 a 40 anos (17,8%) e 41 a 50 anos (15,5%). Se somarmos estas três faixas tem-se 64,4% de imigrantes entre 21 e 50 anos. Entretanto, a comparação dos números observados entre os ofendidos apresenta um alargamento da faixa etária predominante: de 21 a 30 anos (13,3%), de 31 a 40 anos (13,3%) e de 51 a 60 anos (6,7%), somando um total de 39,9%.

De tudo isso posso aventar algumas conclusões sobre quem seria o imigrante médio criminoso: casado, europeu, alfabetizado, entre 21 a 50 anos<sup>7</sup>. O interessante é que aquilo que poderia dar "sentido lógico" para a narrativa em favor do imigrante, como alfabetizado, casado, europeu, acaba por torná-la absurdamente incoerente – e é exatamente nisso que espero encontrar uma das portas de entrada para esse mundo da luta diária por espaço, por reconhecimento, trabalho e poder.

## 1.2 CONFLITO ÉTNICO: AS PRIMEIRAS DÚVIDAS

Até que ponto o número expressivo de prisões de estrangeiros representaria maior propensão a cometer delitos? Torna-se ainda mais significativo pensarmos que, geralmente, estes estrangeiros eram vistos como ordeiros e trabalhadores, responsáveis indiretos pelo progresso do país. Já que muitos vieram incentivados pelo Governo Brasileiro, para trabalharem como mão-de-obra livre e barata nas fazendas de cafés no centro do país<sup>8</sup>.

Mas havia os imigrantes que vieram povoar e colonizar áreas de mata intocada no sul do Brasil. Estas áreas eram atravessadas pelos caminhos de boiadeiros, que ligavam as zonas de campo com o centro do país. Nelas viviam índios, que geralmente atacavam os que passavam pela mata, tornando precário o comércio entre os criadores de gado e o seu mercado. Assim, um dos motivos pelos quais levaram o Governo a optar por estas áreas, como destino para a colonização, foi a de tornar mais seguras as ligações entre o Sul e o resto do Brasil (SINGER, 1977, p. 156).

Outros tantos desembarcaram de forma espontânea nos centros urbanos, muitas vezes, individualmente com vistas a trabalharem no comércio e pequenas indústrias. De posse de

---

<sup>7</sup> Importa registrar que as características acima elencadas de quase nada diferem do criminoso médio geral tratado por GROSSO, 2007.

<sup>8</sup> Nos anos seguintes à proibição do tráfico negreiro, tornava-se praticamente inviável a manutenção da escravidão no Brasil. Como explica Ademir Gebara, os avanços institucionais respeitavam o processo de mudança ordenado, pacífico e gradualista em direção ao mercado de trabalho livre, sem colocar em perigo a economia agrária – maior, fonte de riqueza do país –, bem como conter as manifestações por mudanças sociais. A saída era desenvolver um mercado de mão-de-obra livre. Para tanto, uma das soluções que ganhava força era o imigrantismo (GEBARA, 1986, p.202).

uma técnica manual de trabalho mais elaborada, tornava-se viável passar da condição de trabalhador especializado a proprietário de pequena oficina e mesmo a industrial, ou fixar-se nas oportunidades industriais oferecidas pelas cidades (SEYFERTH, 1990, p. 59-70).

Enfim, de forma geral e teórica, independente da nacionalidade dos estrangeiros, ser imigrante representava, em termos simbólicos, positividade.<sup>9</sup> Entretanto, na prática, parece haver graduações de preferência em relação às nacionalidades dos imigrantes. O anuário do estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1894 parece sinalizar para a existência de algumas nacionalidades de imigrantes, que possuem maior aceitação em relação a outras:

#### A imigração no Rio Grande do Sul

Do ultimo relatório apresentado ao seu governo pelo Sr. Walter R. Hearn, consul inglês no estado do Rio Grande do Sul, extrahimos as seguintes linhas que se referem a este estado como um bom campo para imigração.

O numero de imigrantes no estado do Rio Grande do Sul em 1891 foi consideravel, tendo sido, segundo os dados officiaes de 24,325. Os imigrantes em 1890 comprehenderam 3,593 familias, constando de 13,034 pessoas maiores de 12 annos de idade e 7,423 de menos dessa idade. Os italianos excedem em muito os outros imigrantes e, em verdade, constituem grande proporção da população do estado. são mais apropriados do que os imigrantes de nações mais septentrionaes, para trabalho pesado em um sol ardente e são, além disso, mais industriosos do qualquer outro trabalhador estrangeiro que vem ao Brazil. Encontrão-se em todas as cidades monopolizando a profissão de sapateiro e competindo com os allemães como alfaiates. Formam a maioria de todas as turmas de trabalhadores nas estradas de ferro e obras publicas, e as colonias italianas nos districtos, circumvizinhos de Porto Alegre são mais populosos e até mais prosperas do que as colonias allemães melhor conhecidas.

Não sei de um só imigrante inglês que tenha sido feliz neste estado. isso não é culpa deste paiz. É culpa dessa classe de imigrantes e das condições em que elles vêm para o Brazil. O Rio Grande do Sul deveria ser colonizado por pequenos agricultores ou trabalhadores ruraes que tivessem uma pequena quantia com que começar, e ficar independentes do Estado. (...)<sup>10</sup>

Neste texto fica clara a preferência do Cônsul inglês pelos grupos de imigrantes de origem étnica italiana e alemã, que, segundo ele, são mais "industriosos" e "adaptados" ao trabalho rural. Ao que tudo indica no texto, os exemplos bem sucedidos nas primeiras

---

<sup>9</sup> No imaginário das elites brasileiras do século XIX (grandes proprietários rurais e camadas médias de profissionais liberais) o negro e o branco pobre não apresentavam condições subjetivas para o trabalho, por isso via-se no imigrante europeu a oportunidade de se implementar o "amor ao trabalho" (KOWARICK, 1987; GEBARA, 1986; AZEVEDO, 1987).

<sup>10</sup> ANNUÁRIO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL PARA O ANNO DE 1894. Publicados sob a orientação de Graciano de Azambuja (décimo anno). Porto Alegre: Editores Gundlach e Cia., Livreiros, 1893, p. 151.

povoações do Estado, por estes dois grupos étnicos, corroboram para o aparecimento de algumas preferências imigratórias. Conforme Seyferth:

A discussão da política de colonização do Império estava voltada, primordialmente para o perfil do 'imigrante ideal', constituindo-se verdadeiras hierarquias étnicas de europeus capazes de praticar uma agricultura racional e de base familiar. Os alemães invariavelmente ocupavam o primeiro lugar nessas hierarquias (SEYFERTH, 1994, p. 12).<sup>11</sup>

Por mais que possa haver uma relação discriminatória entre criminalidade e população estrangeira, não foi possível verificar nos processos judiciais a referência à nacionalidade acompanhada de signos discriminatórios (letras maiúsculas, sublinhado), por parte dos operadores do sistema penal. O mesmo não pode ser dito dos populares envolvidos nas contendas; conflitos aparentemente banais eram muitas vezes revestidos de manifestações de cunho étnico.

### 1.3 IDENTIDADE E VISÕES DE MUNDO

A composição demográfica de Porto Alegre caracteriza-se pela heterogeneidade étnica resultante da imigração (CONSTANTINO, 1998, p. 149-164). O mesmo pode ser afirmado com relação aos processos criminais analisados (alemães, italianos, espanhóis, árabes, paraguaios). Este pluralismo étnico remete à coexistência de tradições culturais diversas no mesmo espaço urbano. Assim, a forma como Fredrik Barth (1998, p. 187-227) pensa a etnicidade parece a mais apropriada para as relações entre populares de etnias diferentes, em um contexto de urbanização, como foi a Porto Alegre de fins do século XIX e princípios do século XX.

Os grupos étnicos não são unidades sociológicas discretas nem unidades sociais estruturadas em torno de traços culturais distintivos, "portadores" da especificidade grupal. Barth critica a "definição de tipo ideal" de grupo étnico, ou seja, o inventário indutivo de uma série de conteúdos culturais como territórios, línguas, costumes ou valores comuns. O que não significa tomar por idênticos os termos: cultura = etnia.<sup>12</sup>

O autor argumenta que ao se tomar um grupo étnico como "suporte de cultura", a atenção acaba por ser "dirigida à análise das culturas, não à organização étnica", o que certamente seria um equívoco, pois verifico a persistência do componente étnico da

---

<sup>11</sup> A respeito da discriminação sofrida pelos estrangeiros, ver, por exemplo, GRITTI, 2001.

<sup>12</sup> Refere-se, grosso modo, ao "racismo científico" e aos antropólogos culturais que advogavam pelas predisposições culturais.

identidade social dos imigrantes e descendentes em Porto Alegre, por mais que estes estejam integrados à nova sociedade (GANS, 2004; HOSPITAL; CONSTANTINO, 1999).

Os grupos étnicos são, ao contrário, categorias adscritivas nativas, que regulam e organizam a interação social dentro e fora do grupo, sobre a base de uma série de contrastes entre o "próximo" e o "distante". "[...] os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas" (BARTH, 1998, p. 189)<sup>13</sup>. Tais contrastes se "ativam" ou não, segundo os requisitos do contexto. A manutenção das fronteiras da etnicidade não resulta do isolamento, mas da própria inter-relação social: quanto maior a interação, mais potente ou marcado será o limite étnico<sup>14</sup>; situação que reflete bem a realidade dos imigrantes de diferentes origens em Porto Alegre.

Nesse sentido, a "tradição cultural" ou "memória social" de um grupo seria, nos termos de Manuela Carneiro da Cunha, o "porão", o "reservatório" de onde se retiram, quando se fazem necessários, os "traços culturais isolados do todo, que servirão, basicamente, como sinais diacríticos para uma identificação étnica" (CUNHA, 1987, p. 88). O que explica que alguns traços evocados pelos réus e ofendidos estrangeiros se insinuem mais que outros nas situações sociais verificadas nos processos criminais. Na impossibilidade de acessar toda a bagagem armazenada no "porão" da tradição, para uso identitário, os contendores relembram o que é considerado mais importante no contexto. Assim, escolhi um estudo de caso que melhor revela as formas simbólicas, pelas quais as identidades étnicas eram reafirmadas nos momentos de interação.

### **1.3.1 "Senhor Engana-se si Pensa que isto é uma Calábria"**

O caso seguinte trata de uma discussão seguida de agressão física, na qual o proprietário de uma companhia de teatro acusa o seu bilheteiro de tê-lo roubado. Manoel apresentou queixa contra Fernando Gargano (33 anos, solteiro, artista de teatro, natural da Cosenza, Itália), que proferira injúrias a esse. Fernando disse: "você é um ladrão que anda combinado com senhor Roberti (...), vocês são todos uns ordinarios e ladrões". A seguir o

---

<sup>13</sup> Raymond Firth distinguiu da composição social a estrutura (sistema de constrangimentos institucionais, simbólicos e de conduta) e a organização (resultado concreto das escolhas feitas pelos atores, de acordo com tais limitações). Barth, por sua vez, se interessa em estudar a mudança e o desempenho individual no plano da organização social (FIRTH, 1978, especialmente os capítulos II e III).

<sup>14</sup> Nos termos de Roberto C. Oliveira, identidade contrastiva e não limite étnico (OLIVEIRA, 1976, p. 5).



queixoso responde: "Senhor engana-se si pensa que isto é uma Calabria". Em seguida, o querelado tentou dar uma bofetada em Manoel<sup>15</sup>.

Bastante sucinta, a queixa crime apenas apontava que Fernando havia acusado o bilheteiro Manoel de roubo de ingresso para o teatro. Mas para minha sorte, as informações testemunhais, quase sempre, permitem traçar com mais apuro o cenário e os personagens desta intriga. A propósito, o que seriam dos processos criminais sem a intervenção importantíssima destes personagens anônimos, que tecem a cada testemunho intrigas perigosamente equilibradas entre o fato apurado e a ficção.

Eis as testemunhas:

- Primeira testemunha: Ilegível, 27 anos, casado, brasileiro, natural deste estado.

Disse que estando no dia vinte de janeiro se bem se lembra a meia noite mais ou menos encostado a uma grade de separação que há na bilheteria do Theatro America, vio chegar á mesma bilheteria do querellado que dirigio-se ao queixoso e perguntou-lhe porque havia vendido um bilhete pertencente a uma redacção ao que o queixoso respondeu que assim procedera porque o proprietario da dita cadeira lhe-o havia pedido visto querer estar ao lado de um amigo durante o espectaculo. O querellado porem não atendendo a espliação disse ao queixoso que elle era um ladrão que andara combinado com Luis Roberti (...). A vista de semelhante insulto o queixoso respondeu ao querellado que elle enganasse pensando lidar com gente da Calabria. Ouvindo isto o querellado tentou dar uma bofetada no queixoso não vendo elle testemunha se a mesma acertou por quanto houve grande reboliço de gente e foi elle testemunha obrigado a sahir do lugar onde se achava fechando-se as portas da bilheteria e continuando la detro a (ilegível). (a testemunha é compadre do queixoso)

- Segunda testemunha: Paulino Izidoro Gonçalves, 18 anos, empregado público, solteiro, brasileiro, natural deste estado.

Disse que na noite de vinte de janeiro a meia noite mais ou menos estando elle testemunha no pateo do Theatro America ouviu uma discussão na bilheteria do mesmo Theatro e aproximando-se ouviu o querellado que chamava ao queixoso ladrão accressentando que elle queixoso anda combinado com Luis Roberti (...). Ouvio o queixoso em represalia diser ao querellado que enganava-se julgando tratar com gente da Calabria ao que o mesmo querellado tentou dar uma bofetada no queixoso que elle testemunha não viu se acertou". Disse mais que as testemunhas foram retiradas do local, enquanto a disputa continuava lá detro.

<sup>15</sup> RS. Arquivo Público (APERS). *Processo criminal*, nº 2892, Porto Alegre, maço 178, 1891.

- Testemunha de defesa: Antonio Francisco Nunes, 23 anos, solteiro, empregado no comercio, português.

Disse que no dia 20 de janeiro encontrava-se no saguão de Theatro América com outros companheiros a espera do início do 3º ato. "(...) quando chegou Affonso Alves dos Santos e lhe disse que parecia que havia qualquer causa na bilheteria; (...) dirigirão-se (test. E dois companheiros, um deles Affonso) a duas ou tres pessoas que se achavão no pateo e perguntarão o que é que havia ao que lhe responderão que tinha havido qualquer causa entre o autor e o réo e que aquelle tinha sahido encomodado dissenso que se havia de vingar por ter sido despedido; que demorarão mais algum tempo por ali elle testemunha e Barros entrando depois para dentro do Theatro e que nada mais vio.

As descrições do episódio apresentam algumas variações que não impossibilitam a construção da trama: na noite do dia 20 de janeiro de 1891, por volta da meia noite, discutiam no Teatro América o proprietário do estabelecimento (italiano) e seu bilheteiro (nacional). O primeiro acusava seu oponente de tê-lo roubado com o auxílio de Luis Roberti.

Esta pequena história traz à tona as tensões relacionadas ao mundo do trabalho, entre nacionais e imigrantes, sendo documentada pela historiografia brasileira (CHALHOUB, 1986; FAUSTO, 1977; PINTO, 1994). Sidney Chalhoub, por exemplo, explica:

(...) parece claro que a característica essencial destas tensões e rixas associada aos problemas de reprodução da vida material de nossos personagens era o fato de que elas se exprimiam principalmente através de conflitos entre imigrantes e brasileiros pobres, especialmente os de cor.

Acontece que mesmo assim não é possível compreender a dimensão étnica do episódio. Os diálogos transcritos nos autos parecem sinalizar para a existência, ainda que velada, de estereótipos, de lado a lado, carregados de etnocentrismo.

O que dizer, então, da frase: – "Senhor engana-se si pensa que isto é uma Calabria". Era apenas uma frase. Mas aí é que está: nada se faz sem frase. Para tudo é preciso uma frase (ou quase tudo!). E mais: como toda a frase carrega consigo uma série de significações extensivas ao finito histórico. De maneira inversa, posso afirmar que a língua não é alheia às normas e às formas instituídas *a priori*. Certamente seu registro é o do individual, mas isso não significa que seu alcance não seja da história coletiva.

### **A Emigração Calabresa**

A grande maioria dos imigrantes italianos na cidade de Porto Alegre, no período entre 1880 e 1914, era de calabreses originários da Província de Cosenza (CONSTANTINO, 2001, p. 56). A Calábria está localizada no extremo sul da Itália, subdividida em três províncias: Catanzano (centro), Reggio (sul) e Cosenza (norte). A emigração dessa região apresentava um caráter eminentemente transoceânico, quando comparado a de outras regiões da Itália. Nas províncias do Norte, existia um número significativo de imigrantes que se deslocavam no interior do próprio continente europeu; ao passo que na Calábria, o destino principal era a América por ser mais barato do que emigrar para outros países do continente europeu (MONSMA; TRUZZI; CONCEIÇÃO, 2003, p. 73-74).

Na literatura sobre imigração italiana há unanimidade em apontar um conjunto heterogêneo de fatores, que concorreram para a emigração em massa de todo o sul da Itália. Por motivos didáticos, embora intimamente inter-relacionados, os fatores podem ser agrupados em naturais e sociais. Entre os primeiros, são apontados a alta incidência de malária, terremotos, pragas agrícolas e longos períodos de secas. Sobre as motivações sociais, posso elencar o sistema retrógrado de repartição da propriedade agrária e desinteresse dos grandes proprietários pelos empreendimentos agrícolas, pacto agrário espoliativo, salários de fome, serviços públicos inadequados, habitações aglomeradas e insalubres, indústria praticamente inexistente; comércio e artesanato rural em recessão (CONSTANTINO, 1990, p. 128-136).

Na Itália, a emigração encontra-se ligada ao fato político da unificação, conseguida em 1870, e que economicamente significou a vitória definitiva do capitalismo sobre as velhas instituições. À medida que progredia a unificação italiana, a distinção entre norte (industrial e moderno) e sul (agrário e antigo) tornava-se cada vez mais aguda. Em pouco tempo, o choque de duas economias e culturas tão díspares como a do norte e a do sul debelou uma crise do sistema de produção meridional, que certamente deixou marcas ainda mais profundas no universo mental dos meridionais, levando os estudiosos a resumir a unificação italiana como a conquista do sul pelo norte (DE BONNI; COSTA, 1984, p. 60).

Em meados dos anos de 1860, na esteira da unificação italiana, a grande onda de banditismo na Calábria representou uma espécie de levante coletivo contra o sistema administrativo baseado no Piemonte e na Lombardia e contra os grandes latifúndios, por camponeses e ex-soldados do exército dos Bourbons.<sup>16</sup> O processo de unificação representou

---

<sup>16</sup> A crescente exploração capitalista sobre as terras cultiváveis acabavam por expulsar o pequeno agricultor dos campos.

a tentativa de imposição do sistema capitalista a todo o país a revelia das fronteiras e tradições regionais, bem como dos interesses da maioria dos grupos. O instrumento de ação daqueles que se adonaram do poder tomou rumos políticos claramente dirigidos ao favorecimento dos interesses capitalistas de um modelo de *later comers*.

No século XX, muitos indivíduos da região meridional se organizaram para a ação coletiva em organizações criminosas de grande porte – Camorra napolitana, Máfia siciliana – mantendo, internamente, uma solidariedade baseada na extensão do vocabulário e dos símbolos familiares. Essas organizações predominaram em lugares onde não dispunham de uma ordem pública eficaz e/ou cidadãos indiferentes com as autoridades. Elas estruturavam-se num poder paralelo ao governo oficial, com suas regras de comportamentos. De fato, a saída encontrada, algumas vezes, pelos italianos meridionais era a formação de organizações sociais de caráter criminoso, que encaminhavam as questões sócio-econômicas pelas vias informais do crime (HOBSBAWN, 1978, p. 38-63).

### **As Reconstruções Étnicas no Processo Histórico**

Os italianos de diferentes origens chegaram em número suficiente em Porto Alegre, para se concentrarem em certos bairros, criando as condições necessárias para a persistência de algumas identidades. A imigração no contexto urbano tem como característica marcante a aglutinação dos imigrantes de mesma origem, em torno de interesses comuns, estimulando, principalmente, a solidariedade étnica em termos de enfrentamento de uma nova situação social. Assim, por maiores que sejam as pressões no sentido da assimilação, os imigrantes, em geral, mantêm alguma ligação com a cultura e sociedade de origem. Guardam, sem dúvida, alguma forma de identificação étnica, por mais precários que estejam os laços com seus países de origem.

Por outro lado, é bastante difícil pensar conceitualmente numa "cultura italiana", a não ser como um conjunto heterogêneo marcado por influências regionais bastante fortes. Os italianos, pela própria história de seu país, desenvolveram identidades regionais exacerbadas pela dicotomia entre norte e sul<sup>17</sup>. Cada um, a sua maneira, contribuiu para renovar a

---

<sup>17</sup> Apesar da precariedade da divisão dicotômica entre o sul e o norte, elas revelam de forma didática a heterogeneidade dos imigrantes italianos. Conforme Olívio Manfroi, 1975, p. 87-8, trentinos, tirolezes ou vênetsos pouco ou nada tinham com um sentimento nacional consciente. Eram todos regionalistas, imbuídos de tradições e costumes locais. Contudo, as diferenças regionais e dialetais não impediram uma certa homogeneidade cultural num plano mais geral (MANFROI, 1975, p. 87-8). Ver também BRUM, 2006, p. 65-78.

construção dos limites étnicos, favorecendo a contínua reconstrução da diferença que fazia com que os meridionais continuassem a serem vistos e a se sentirem como um grupo à parte, no conjunto dos imigrantes italianos em solo brasileiro. Karl Monsma explica que no Brasil desenvolveu-se uma identidade calabresa, que contrastava com a dos brasileiros e também com a dos imigrantes do norte da Itália (MONSMA; TRUZZI; CONCEIÇÃO, 2003, p. 83).

A exemplo do que ocorria na Itália, os italianos do sul eram geralmente considerados cidadãos inferiores, considerando que a maioria dos italianos no Rio Grande do Sul eram originários do norte da Itália, principalmente do Vêneto, é de se esperar, portanto, a criação de fronteiras étnicas e o reforço da identidade de grupo<sup>18</sup>. Os imigrantes do norte da Itália – povoadores quase que exclusivos nos primeiros anos da colonização – atuaram na difusão de seus valores culturais nas localidades gaúchas, de modo que ao iniciarem a emigração do sul, no início do século, havia, por certo, uma série de valores incorporados ao cotidiano porto-alegrense<sup>19</sup>.

Nestas circunstâncias, é bem possível que Manoel tenha assimilado parte da ideologia de superioridade dos italianos do norte, que visualizavam os meridionais de forma estereotipada. Eis o que importa notar: a imagem da Calábria foi por muito tempo de uma região pobre, castigada pelas intempéries do clima, e, sobretudo, marcada pela violência privada. Não por menos, a longa história de banditismo, assaltos rurais e assassinatos acabaram cristalizando no universo mental dos italianos a imagem de insegurança, que reinava em distritos do sul, provinda, nas palavras de Scalise, do "sentimento feroz e quase selvagem" dos crimes de vingança (SCALISE, 1905, 84-5).

Volto, finalmente, à fala de Manoel: "Senhor engana-se si pensa que isto é uma Calabria". Essa frase denuncia uma tentativa de imposição, por parte de Manoel, de distinção entre ele e o outro numa perspectiva étnica.

Ora, feita essa ressalva, não é exagero falar de simetria entre as questões relacionadas ao mundo do trabalho e o problema da etnicidade. As categorias adscritivas nativas somente são acionadas quando existe a necessidade, durante a interação, de marcar a diferença, mas que não se duvide que essa relação direta, entre a etnicidade e a interação, guarde uma proporcionalidade. Ou seja, as categorias adscritivas não foram aleatoriamente escolhidas,

---

<sup>18</sup> O grupo étnico não é mais definido *per se*, mas como uma entidade que emerge da diferenciação cultural entre grupos que interagem em um contexto dado de relações interétnicas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, especialmente capítulo III).

<sup>19</sup> A influência dos imigrantes italianos não se restringe à atividade econômica, mas também pela contribuição que deram à vida cultural e social brasileira (DE BONNI, 1987).

mas, por certo, equacionadas pelo sujeito de forma a permitir naquele momento uma relação com o motivo inaugural.

Aqui não é apenas a cultura italiana que se apodera do Manoel, é o Manoel que também se apodera da cultura italiana. A enunciação da frase não é mais, então, uma circunstância extrínseca ao seu enunciado, mas participa de sua natureza. A frase de Manoel só existe e só vive através dessas retomadas coletivas. A própria enunciação de Manoel produz história, que se integra à história coletiva. Em vez de um diálogo de surdos entre o indivíduo, instalado em sua racionalidade e subjetividade, e a cultura, presa a todas as convenções, o que está em jogo são os empréstimos recíprocos e trocas implícitas (SAHLINS, 2003).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O número expressivo de estrangeiros entre os réus e os ofendidos sinalizou para uma diversidade de tipos étnicos na composição das camadas populares. Nesse sentido, aponte para uma quebra nas representações veiculadas pelo discurso elitista da época, que fazia claramente um contraponto dicotômico e preconceituoso entre trabalhador nacional e imigrante, representado respectivamente como vagabundo e trabalhador.

Por mais que pudesse existir uma relação discriminatória entre criminalidade e população estrangeira, não foi possível verificar nos processos judiciais a referência à nacionalidade acompanhada de signos discriminatórios, por parte dos operadores do sistema penal. O mesmo não se pode ser dito dos populares envolvidos nas contendas; conflitos aparentemente banais eram muitas vezes revestidos de manifestações de cunho étnico.

## **REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS**

### **Documentos Manuscritos**

RIO GRANDE DO SUL. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS). *Processo Criminal* n.º 2892, Porto Alegre, maço 178, 1891.

### **Documentos Impressos**

ANNUÁRIO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL PARA O ANNO DE 1894. Publicados sob a orientação de Graciano de Azambuja (décimo anno). Porto Alegre: Editores Gundlach e Cia., Livreiros, 1893. Fundação de Economia e Estatística (FEE).

RIO GRANDE DO SUL. Relatório apresentado pela Directoria de Estatística em 31 de julho de 1895. Porto Alegre: Officinas Typograficas d'A Federação, 1896, p. 151-159. Fundação de Economia e Estatística (FEE).

RIO GRANDE DO SUL. Relatório da Directoria de Estatística 1899. Fundação de Economia e Estatística (FEE).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*; seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

BATALHA, Claudio H. M. *O movimento operário na primeira república*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BRUM, Rosemary Fritsch. O lugar da enunciação calabresa em Porto Alegre. IN: JUNGBLUT, Airton Luiz (Org.). *Nós, calabreses*. Porto Alegre: EST, 2006.

CARVALHO, Daniela Vallandro de. *Entre a solidariedade e a animosidade: os conflitos e as relações interétnicas populares (Santa Maria – 1885 a 1915)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da "belle époque"*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Espaço urbano e imigrantes: Porto Alegre na virada do século. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, v. 23, n. 1, p. 149-164, jun. 1998.

\_\_\_\_\_. *Gli Italiani nelle città; l'immigrazione italiana nelle città brasiliane*. Perugia: Guerra Edizioni, 2001.

\_\_\_\_\_. *O italiano na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre Moranenses*. 1990. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de; SIMÕES, Rodrigo Lemos. Diversidade e tensões: Porto Alegre no final do século XIX. *Estudos Ibero-americanos*. Porto Alegre: PUCRS, v. 22, n. 1, p. 95-101, jun., 1996.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DE BONNI, Luís (Org.). *Presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987.

DE BONNI, Luís; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1984.

FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

\_\_\_\_\_. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo (1890-1920). São Paulo: DIFEL, 1977.

FIRTH, Raymond. *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

GANS, Magda Roswita. *Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: UFRGS/ANPUHS, 2004.

GEBARA, Ademir. *O mercado de trabalho livre no Brasil (1871-1888)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GONÇALVES, Mirna Ayres Issa. A população brasileira de 1872 a 1970: crescimento e composição por idade e sexo. In: *Crescimento populacional (histórico e atual) e componentes do crescimento (fecundidade e migrações)*. São Paulo: CEBRAP, 1974.

GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul – emergência do preconceito*. 2001. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

GROSSO, Carlos Eduardo Millen. *Poderiam viver juntos? Identidade e visão de mundo em grupos populares na Porto Alegre da virada do século XIX (1890-1909)*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HOBBSAWN, Eric J. *Rebeldes primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: GRAFOSUL e IEL, 1975.

MARAN, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo; CONCEIÇÃO, Silvano da. Solidariedade étnica, poder local e banditismo: uma quadrilha calabresa no Oeste Paulista, 1895-1898. *Revista Brasileira de Ciência Social*, vol. 18, n. 53, São Paulo, set., 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 14/05/2006.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Entre o deboche e a rapina: os cenários sociais da criminalidade popular em Porto Alegre (1868-1888)*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.



OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

OSPITAL, Maria Silva; CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Construção da identidade e associações italianas: La Plata e Porto Alegre (1880-1920). *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, v. 25, n. 2, p. 131-146, dez. 1999.

PESAVENTO, Sandra J. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Nacional, 2001.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; LUCAS, M. Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/TCHê, 1992.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890-1914)*. São Paulo: EDUSP, 1994.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade; seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

RIO GRANDE DO SUL. FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. De Província de São Pedro do Estado do Rio Grande do Sul. *Censos do RS: 1803-1950*. Porto Alegre, 1981.

SCALISE, Giuseppe. *L'emigrazione dalla Calabria saggio di economia sociale*. Nápoles: Luigi Pierro, 1905.

SAHLINS, Marschall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SIMÕES, Rodrigo Lemos. *Porto Alegre 1890-1920: resistência popular e controle social*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Companhia Nacional, 1977.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia (Org.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

\_\_\_\_\_. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990.

\_\_\_\_\_. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC EDIÇÕES, 1982.

Recebido em: 03/07/2008

Aprovado em: 13/02/2009